



MOASIPRIANO
Lucas



MOASIPRIANO.COM

LUCAS

Moa Sipriano



www.moasipriano.com

Design da Capa & Editoração
Moa Sipriano

Imagem da Capa & Tipografia
pixabay.com
dafont.com

Todos os direitos reservados a
Moa Sipriano

Site oficial & Contato
moasipriano.com
escritor@moasipriano.com

“Céus, como eu adoro ‘homossexo’”, meditou Detlev, ofegante.

O suor escorria-lhe pela face. O corpo estava encharcado, enquanto uma gelatinosa boca sem dentes lhe sugava o membro rochoso.

Bastaram dez minutos para a realização daquele ato mecânico. Após ter ejaculado na garganta do velhote, Detlev retirou o lenço italiano do bolso da Ellus desbotada. Enxugou primeiramente as faces vítreas e em seguida o peito liso carregado de satisfação.

“Tome um agrado e, por favor, saia já do meu carro!”, ele rosnou ao coitado que acabara de lhe oferecer prazer. Este lhe sorriu com malícia, jogando os cabelos peganhentos e malcheirosos para trás, contando as notas de vinte com um ar de triunfo, como se rosnasse: “tudo bem, seu babaca!”.

O chapado homem sem rumos abriu a porta da Saveiro, ganhando o ar gélido da ilha, enxugando a boca úmida com as costas da mão fina, enrugada, imunda.

Assim que o chupante desapareceu, desbravando o vazio da noite, Detlev travou todas as entradas. Secou o membro desfalecido, guardando-o nos seios do tecido de seda pura. Fechou os botões de metal do jeans preferido utilizado nas noites de boa caça. Sorria de satisfação pelo ato realizado, pois curtia “rapidinhas” com pescadores morenos ou andarilhos descoloridos do Araxá. Corpos sem identidades.

Detlev era um homem atraente. Vaidoso, o alemão tinha orgulho da pele muito bem cuidada. Era dono do maior patrimônio físico que um homem pode ter na vida: dentes naturais perfeitos. E a exuberante cabeleira cor prata harmonizava com brilhantes e astutos olhos azuis acinzentados.

Advogado, especialista em ganhar causas que outros profissionais do seu ramo achavam impossíveis, fez fama em São Paulo, defendendo os interesses de diversas empresas e comerciantes influentes da capital.

Ao ultrapassar os quarenta, no auge da carreira, decidiu viver no anonimato da pequena e pacata Ilha Comprida, que descobrira durante uma visita a um amigo empresário, morador antigo da Terra de Ninguém, que sempre solicitava seus eficientes serviços.

Ilha Comprida detém o poder de atrair homens solitários.

Solteiro, era cobiçado por fêmeas e machos de todos os quilates. Estabilizado, culto, viajado, não fumante, não sedentário...

Bebidas? Somente duas taças de vinho tinto: uma no almoço e outra na

hora do jantar invariavelmente sem companhia humana. No restante do tempo embebedava-se de água filtrada, geladíssima, com fatias de limão. Litros por dia. Um vício!

Defeitos? A lista era minúscula. Detlev era um homem prático e objetivo nas ações. Era filho único de mãe solteira; uma mulher que dedicou todas as energias para o bem-estar do menino, dando-lhe, com tremendo esforço, a melhor educação possível em bons colégios, boa alimentação e vestuário decente na medida de suas posses.

Detlev aprendeu com a mãe a tomar conta de si mesmo desde muito cedo, tornando-se independente logo aos quinze.

Vícios? Somente um: sexo. Detlev era fascinado pela arte da boa fodaria. Manteve-se virgem, casto e ignorante até os vinte e dois. Tímido em demasia, nunca avançara o sinal com nenhum homem durante a primeira confusa boa parte da vida.

Dedicava todo o tempo livre aos estudos, ao trabalho (foi assistente do famoso Doutor Perine, uma das maiores autoridades jurídicas daquele tempo) e a Roxie, seu labrador chocolate, que fora um presente de Carina, amiga de faculdade. Nos anos 1980, os pais de Carina administravam um popular e rentável canil na periferia de Taboão da Serra.

Foi somente numa noite queimante em outubro de 1981, durante um passeio com Roxie pelas ruas próximas de sua antiga casa na Vila Mariana, que Detlev descobriu o baixo prazer quando um estonteante maluco todo tatuado lhe abordou com um olhar sensualmente ameaçador.

Tocando no sexo esférico que dispensava qualquer qualidade de discriminação dentro da calça de couro, o morenaço como que hipnotizara os sentidos de Detlev, que o acompanhou, todo abobado, até um beco nada seguro.

Na noite sufocante acima do normal, corpos de machos eram espremidos no grafitado concreto arenoso. Línguas debatiam-se num beijo seco. Roxie esparramou-se ao lado do seu dono, indiferente aos agarros animais que ocorriam entre os dois combatentes.

O moreno atacava o corpo de Detlev com afinco. Sua boca percorria cada centímetro do branquelo, desbravando todas as fronteiras, enquanto o pálido e nervoso jovem não-mais-virgem segurava com firmeza a correia do seu cão, temendo ser deixado sozinho nas mãos extravagantes do maravilho-

so selvagem que lhe desvendara os bons mistérios da carne. E antes mesmo de ter seu membro retirado por completo para fora do agasalho, Detlev despejara sua porra nas pontas dos dedos daquele que lhe proporcionara o primeiro orgasmo real de sua vida. Levou um belo e sonoro tapa na fuça esquerda, enquanto ouvia palavras grosseiras do sujeito que deixara claro que ainda não havia finalizado a brincadeira.

* * *

Mais de vinte anos haviam se passado desde aquela experiência pueril. Hoje era Detlev que dominava todas as situações.

Nas horas livres de seus compromissos particulares – que atualmente eram escassos, por destemida opção –, havia tempo suficiente para o “homossexo”, cínica expressão idealizada desde que começara a trepar com machos de todos os tipos, cores e tamanhos.

O prazer da caçada. As estratégias para se conquistar a próxima vítima. Era isso que mantinha Detlev em pleno estado de alerta.

Para o ato sexual, qualquer um acima de trinta era o candidato ideal. Qualquer pintudo, não importando maturidade ou posição sociocultural.

As únicas restrições em sua busca pelo prazer eram o sexo em grupo, já que Detlev era extremamente egoísta durante o ato e jamais permitiria “dividir” sua presa com outra pessoa; e sexo com homens de origem asiática, pois um oriental havia arruinado moralmente sua adolescência nos tempos do ginásio – daí o enraizado preconceito.

O momento propício para foder era qualquer oportunidade disponível. Podia ser logo nas primeiras horas da manhã, durante as longas caminhadas pela praia de areias fofas, próxima de sua casa no Balneário Atlântico. Ou na hora do almoço, atrás de algum quiosque fechado na baixa temporada. Ou no cair da tarde, dentro do carro, num trecho esquecido da Avenida Beira-mar... ou até mesmo no meio da mata fechada, abundante em toda ilha.

Era nas noites frias durante o misterioso e sedutor inverno na ilha que a oferta tornava-se ainda mais promissora.

Em qualquer esquina, dentro de qualquer bar, em todos os banheiros públicos ou naquela famosa casa na Ponta da Praia onde rolava um amador

“cinema” de putaria e pegação masculina, era possível encontrar homens dispostos a todo tipo de fantasia, principalmente os nativos pescadores.

Controlado e metódico, a única regra seguida por Detlev durante a captura do seu objeto de rápidas satisfações era: somente um.

O alemão jamais fodia com mais de um peludo em um único dia.

Após a pegação resultando em uma boa comida, Detlev adorava passar horas no frescor da sua varanda a satisfazer seus instintos e recordações recentes em numerosas sessões de punhetaria, nas quais costumava ejacular duas, três, quatro vezes em curtos espaços de tempo.

Durante a caçada, usava o olhar frio e direto como arma padronizada. Uma boa acariciada de leve no sexo latente debaixo do jeans apertado, delineando seus contornos perfeitos mesmo com o membro em repouso, já era o suficiente para atrair o próximo Cu Boqueteiro.

Sentindo que o candidato era mais viril, bastava alisar com suas mãos manicuradas as nádegas macias e simetricamente arredondadas. O movimento sensual era capaz de enlouquecer caminhoneiros, turistas paulistanos de passagem pela ilha e principalmente os motoqueiros de Registro, verdadeiros tarados por bundas masculinas. Uma legião deles rondava Ilha Comprida em determinados finais de semana.

Uma vez escolhida a refeição, não havia troca de palavras. Quando estritamente necessário, apenas frases feitas e mentiras menores eram permitidas. Jamais nomes verdadeiros, locais de moradia, envolvimento de terceiros.

O que importava era o gozar. Sem sentimentalismos, sem palavras de amor irreal, sem desejo de promessas inúteis, sem “dia seguinte”.

O ato sempre era consumado. Poderia ser um duplo oral. Ou a penetração de um ou de ambos num rápido rodízio de corpos. Ou uma dupla punheta.

Enquanto Detlev não ejacularava (pouco importava se o outro ia gozar ou não), a festa não era dada como encerrada.

Ao ser penetrado, mesmo depois que o parceiro havia inundado seu buraco de delicadas proporções, em uma atitude típica dos bons advogados-atores ele implorava por um beijo – sua performance afetada era digna de nota – ou exigia que o parceiro mordesse seus mamilos, onde finalmente pudesse chegar ao orgasmo socando violentamente seu sexo com a mão esquerda envenenada.

Quando encontrava um ser menos afortunado economicamente, usava a tática do dinheiro (que nunca era) fácil para conquistar o que queria. Jamais pagava um profissional por momentos de sexo, mas costumava ser muito generoso com os objetos humanos que a Sorte considerava inferiores.

Inúmeras eram as oportunidades de se encontrar fodedores que por uma nota de vinte ou algumas latas de cerveja eram capazes das mais variadas performances sexuais, muitas delas novidades completas para Detlev, que apreciava a criatividade e o fogo sagrado desses seres.

Tão pouco dinheiro por chupadas inesquecíveis. Por trepadas homéricas próximas da ponte que separava a ilha do resto do mundo real; atrás de balcões de lojas decadentes, envoltos nas sombras dos quiosques na beira da praia... no interior de carros da polícia. Em repartições dentro da prefeitura...

Por dinheiro, pouco dinheiro, tudo é possível na arte do sexo indiferente!

* * *

A Roda do Destino girou por completo numa tarde ensolarada de um domingo tedioso de junho. Roxie II estava deitada em seu gabbeh de matizes em vermelho e laranja, mordendo o restante das franjas sobreviventes. Detlev havia acabado de acordar.

Apesar do banho revigorante, os olhos ainda ardiavam por causa de uma noite passada em claro, após horas e horas e horas de chupação com um argentino que não admitia penetrar ou ser penetrado.

Um suco de graviola e uma aspirina animaram Detlev a um passeio com Roxie II pela praia.

Ao chegarem às areias compactas, Detlev soltou a correia do labrador, deixando-a correr em direção do verde espumoso. Roxie II adorava água. Ela amava brincar nas ondas calmas que morriam na areia.

Observando as estripulias da fiel amiga, Detlev sentou-se ao lado de um pedaço centenário de barco, apoiando as costas largas na superfície porosa e úmida. Minutos se passaram em câmera lenta, quando o velho alemão notou a presença de alguém vindo do Norte. Cabelo Descolorido caminhava arrastando os pés na areia, ora direcionado o olhar para o mar sem fim; ora esticando os pensamentos para um palpável infinito.

Roxie II foi mais rápida, correndo em disparada na direção do anjo juvenil. Sereno, ele ajoelhou-se na úmida areia convidativa, afagando com carinho tocante a pelagem chocolate do sapeca labrador.

Vieram lado a lado até Detlev. Um largo sorriso selou o primeiro contato entre os dois. Apresentações feitas no automático da boa educação, o jovem de nome Lucas sentou-se próximo do excitado alemão.

Jamais, em toda sua existência, Detlev imaginou-se amando verdadeiramente outro homem. Apesar dos parques instantes passados ao lado do garoto dourado, ele descobriu (sem aceitar) no seu íntimo que daquele contato não sairia um simples momento de esporrada egoísta.

Algo mágico ocorreu durante o despreocupado e agradável bate-papo. Uma sensação nunca idealizada invadiu o coração do caçador de prazeres isento de alma.

Ele agora era dominado. Dominado por um sentimento nobre. Dominado por uma amizade real. Dominado por uma sinceridade provocadora emanada de um ser de puras intenções. Dominado pela ausência da Maldade ou da Luxúria. Dominado pelo nascimento do Amor.

Detlev mantinha-se surpreso e encantado com a situação. Mesmo lutando em não aceitar o óbvio, o alemão já sabia que estava apaixonado.

* * *

Muitos encontros após o primeiro encontro. Passeios de bicicleta pela orla, jantares discretos entre olhares indiscretos, sessões de cinema em Iguape, visitas ao Palavras de Estreia (a única livraria da ilha), telefonemas diários entre Ilha Comprida e Pariquera-Açu.

A ansiedade para ouvir a voz do ser amado era tamanha, que Detlev não conseguia permanecer mais de um metro longe do antigo aparelho verde-pálido pousado sobre a mesa de vidro num canto da sala. Ele odiava telefones celulares.

Como um adolescente vivendo a primeira paixão, Detlev entregou-se aos caprichos do Amor. Suas estratégias de caça deram lugar a estratégias de conquista. Seu tesão desenfreado deu lugar ao desejo do toque e do carinho compartilhado. Sua tara por sexo descomprometido deu lugar à vontade de

fazer o amor sem pressa, sem cobrança, sem posse, sem atos de egoísmo, sem medo de se entregar.

O responsável pela radical e improvável mudança tinha um nome e uma identidade: Lucas, o garoto de ouro encontrado sozinho a planar numa praia pouco movimentada em qualquer época do ano.

Lucas, o olhar mais doce e cativante que um ser humano é capaz de transmitir a outro. Lucas, a boca de lábios sedosos a proferir palavras simples, singelas e sensíveis que tocaram em definitivo o titubeante coração cansado de Detlev.

* * *

O jantar estava pronto. Encomendado da vizinha, a prestativa Nice, já que Detlev há séculos não cozinhava para mais de uma pessoa.

Naquela noite tudo deveria ser perfeito.

Era a comemoração do terceiro mês de união.

Oito horas. A campainha ecoou suas três badaladas. A porta foi aberta. Um abraço suave foi trocado entre dois iluminados visivelmente ansiosos. Um caprichado beijo de lábios entreabertos selou o “boa noite”. A carícia de uma sensível mão provocante tocava a face corada do velho alemão ofegante.

Detlev notou um brilho inquietante no olhar de Lucas. E amou a nova armação a destacar aquele ingênuo par de jades, quase âmbar.

O anjo dourado encostou a porta com o pé direito, e sua boca implorava o segundo beijo do amado, atitude prontamente atendida.

“Tenho algo para você”, disse Lucas, entre tímidos risinhos luminosos. “Pegue, aqui está o meu coração!”, continuou, segurando a mão direita do amado, posicionando-a no lado esquerdo do peito.

Detlev sentiu o ritmo acelerado pulsar na periferia do tórax delicado do seu anjo iluminado. Beliscou o mamilo do garoto, entrando de vez no delicioso clima clichê da brincadeira emocional.

Ele sabia que aquela atitude infantil era sincera e que Lucas não estava apenas entregando seu coração, mas sim proporcionando em definitivo a oportunidade de um recomeço; a chance verdadeira para ambos viverem algo profundo, produtivo e honesto.

Jantaram ao som de Suede, a banda preferida de Lucas. A troca de carícias e olhares indicava que a noite prometia sensações inefáveis. Louça lavada e guardada. Uma dose do café irlandês preparado por Lucas...

Ambos caminharam de mãos dadas até a imensa varanda, lugar idolatrado por Detlev. O casal deu boa noite a Roxie II, enquanto um cintilado alemão levava sua princesa para a casinha lá nos fundos da casa maior.

Ao retornar, Detlev ficou comovido ao apreciar a nudez do seu anjo deitado na rede, onde o sexo fora coberto por uma almofada em formato de estrela, numa cena digna de uma pintura renascentista.

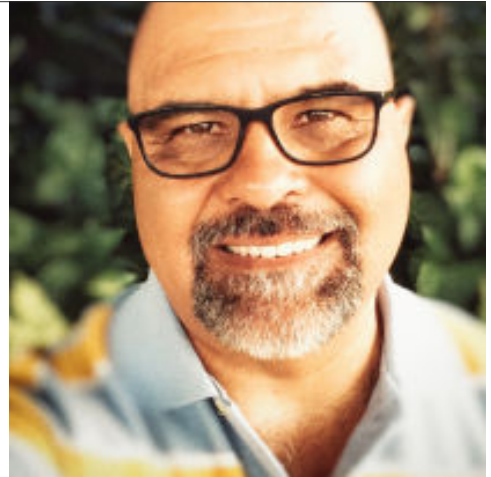
O alemão entregou seu corpo ainda tenso ao abraço reconfortante do seu anjo dourado. Lucas afagou-lhe a farta cabeleira prateada, tentando curar a alma de seu amado de todos os desvios cometidos ao longo de uma existência errante. Ele sentia o passado de Detlev com o toque de suas mãos a percorrer a variedade de medos sem fundamentos. Nada mais precisava ser explicado.

“Agora eu sou o seu homem... para sempre!”, confirmou Lucas, num sussurro, enquanto as mãos abençoadas acariciavam o rosto impressionado de Detlev.

“Quero sentir seu beijo... quero aprender o Amor com você”, pigarreou Detlev, fechando os olhos a fim de impedir a saída da emoção.

Em prantos, Detlev não pronunciou mais nenhuma palavra, mas dentro de si sabia que algo havia sido modificado em definitivo na totalidade do seu espírito.

Detlev sentiu que deveria aproveitar a derradeira chance de gozar a plena felicidade. Ele entregou-se aos cuidados do seu menino-homem que acabara de completar vinte e dois naquela madrugada; pronto a realizar – pela primeira vez em sua vida! – o verdadeiro amor dos apaixonados.



Sobre o Autor

Moa Sipriano é natural de Jundiaí, interior de SP. Escreve e publica contos, crônicas e romances desde 2004. No Brasil, foi pioneiro na criação e divulgação de livros digitais contendo exclusivamente literatura homopopular. Sua arte retrata com crua fidelidade e lirismo o amor verdadeiro, os conflitos internos, o sincero companheirismo e a real espiritualidade da Diversidade. O autor pincela suas histórias e verdades com inteligência, sarcasmo e sensualidade em tonalidades exatas, proporcionando ao leitor um momento termântico, surpreendentes descobertas, além de uma profunda reflexão.

* * *

Para conhecer todas as obras: **moasipriano.com**

E-mail: **escritor@moasipriano.com**

Facebook: **facebook.com/moasipriano**

Instagram: **instagram.com/moasipriano**
